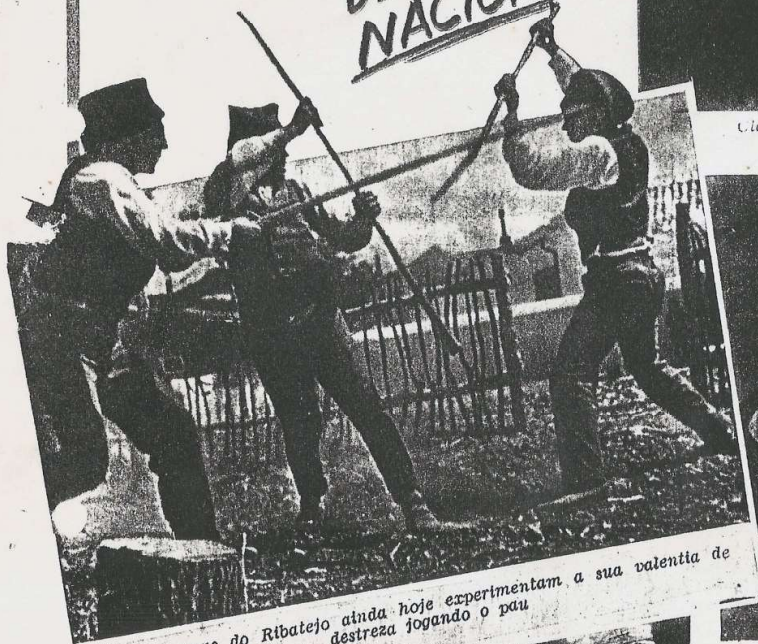
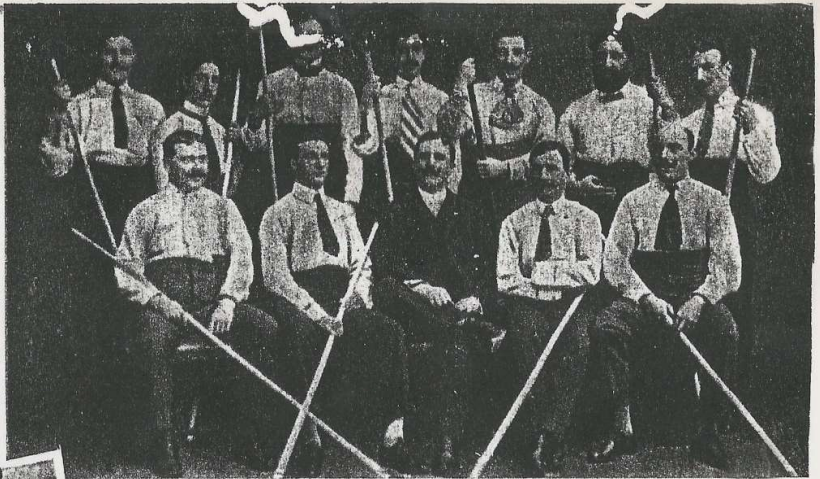


JOGO de PAU

DESPORTO NACIONAL



Os homens do Ribatejo ainda hoje experimentam a sua valentia de destreza jogando o pau



Classe de jogo do pau (1910), do professor Artur dos Santos (Ginásio Clube Português)



José Maria da Silveira, «o Saloto», mestre dos mestres do jogo do pau



Pedro Augusto da Silva, discípulo do célebre José Maria Saloto, e primeiro professor do jogo de pau do Ginásio Clube Português. A SEGUIR: Carlos Relvas, a quem se deve o desenvolvimento da esgrima nacional no Ribatejo

ARTUR DOS SANTOS, NO GLORIOSO GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS, FOI O MESTRE QUE LECCIONOU VÁRIAS GERAÇÕES DE VALENTES RAPAZES, E O RIBATEJO TEVE EM CARLOS RELVAS O ENTUSIASTA PROPUNADOR DA ESGRIMA LUSITANA



Um aspecto da classe do jogo de pau que, sob a direcção do professor Artur dos Santos funcionou na velha Escola Académica



Joaquim Bau, de Marco de Canavezes, viveu largo tempo na Golegã, e não obstante os seus oitenta anos jogava o pau com vivacidade



Um grupo de jogadores de pau do Real Ginásio, com o professor Artur Santos, vendo-se entre eles o dr. José Pontes — (o terceiro a contar da direita)

O jogo com a vara em punho deve ter sido inspirado pelo que se praticava nos velhos tempos das lutas corpo a corpo, em que os lanceiros se viam na necessidade de apagar-se, constituindo, portanto, uma reminiscência dos processos adoptados no campo de batalha. Supomos que assim seja; todavia, duma certeza há que partir: é que foram os portugueses que deram expressão e beleza a esta forma de combater, para que é necessário muita vista, agilidade, destemor, energia e decisão. Ignora-se o moral do adversário e nos assaltos não se pode usar luvas, couraça a cobrir o peito, nem tampouco capacete, com sucede na esgrima de florete, sabre e espada.

O jogo do pau é um dos exercícios físicos de mais proveitoso resultado, que significa uma ginástica muito activa, dotada de movimentos de característica diversa e na observância absoluta de velhos preceitos, para o que é indispensável possuir muito «olho e pé» — no dizer de velhos mestres. É claro que os seus efeitos são tanto mais proveitosos quanto equilibrada for a orientação tomada na prática de tal desporto, que possui raízes bem portuguesas.

Os processos do jogo do pau compreendem três escolas: a do Minho, com as suas pontuadas e sarilhos; a de Lisboa, com os cortes e recortes; e a do Ribatejo, com os seus lances de ligeiriza e golpes de vista. O conjunto destes processos abrange, nas fases animadas do jogo, guardas, sarilhos, pontuadas, rebates, cortes e recortes, tudo (Continua na pág. 22)



executado com energia na pancada, na segurança da cabeça e na resposta pronta deslocando-se o terço da palma e esgrimindo-se com vigor, método e calma, de frente a frente e sobre a linha numa circunferência nunca deixando arrebatá-lo, que pode ser de marmelo, carvalho, sopro, mas de preferência o do lodão.

No exercício da esgrima lusitana, em antigas eras, cruzavam-se as varas em vários cantos da velha Lisboa, nalguns quintais da Graça, Bairro Alto, Lapa, Taipas, Largo da Acadia, São Ciro, sendo o mais antigo de que há notícia o do Fretiro da Pipa à Rotunda — no desaparecido Vale do Pereiro. Eramos rapaz e muito, nos divertiamos as visitas, nas tardes de domingo, aos quintais onde o referido desporto atraiu adeptos entusiastas, e aí notámos os grandes jogadores que, num acto propositado, permitiam o brilho dos adversários, para, depois, no momento oportuno, os colocar em respeito, tal era a superioridade dos seus conhecimentos.

Com a morte ou afastamento voluntário dos mestres do jogo do pau que davam as suas lições em quintais, estas escolas iam acabando gradualmente, e a formosa esgrima lusitana era integrada no programa de colectividade desportivas a primeira das quais foi o Prestigioso Ginásio Clube Português, fundado em 1877, que depois teve como primeiro dirigente do ensino Pedro Augusto da Silva; seguiu-se o Lisboa Ginásio Clube, inaugurado em 1917, na Travessa do Borracho aos Anjos com o professor da especialidade, António Lapa; e também o Ateneu Comercial de Lisboa onde o ensino do jogo do pau se saletaram Jorge de Sousa discípulo de Frederico Hopffer Domingos Miguel e António Caçador.

Passando em revista os nomes jogadores e mestres famosos uns do que reza a tradição e outros que conhecemos — contamos o Domingos Salreu, um jogador de elite, José Gonçalves Dias, o «95» José Maria da Silveira (Salto), um reformador da técnica; Pedro Augusto da Silva, Artur dos Santos, António Enídio de Sousa, Baptista Abelheira, Pereira das Taipas, que tinha a sua escola num quintal da Rua das Taipas; o Vaqueirão o Pimpão o Pisco; o João Confeitiro Brasete, Domingos Alves, Francisco Calhaz, Frederico Hopffer — autor dum excelente compêndio da arte do manejo do pau — Arnaldo Bessano Garcia, dr. César de Melo, dr. Moura Pinheiro, dr. Salazar Carreira, Campos Jor, Humberto Caldas, etc.

A juventude lisboeta deve a Artur dos Santos inestimáveis serviços em matéria de educação física

O Ginásio Clube Português, de tradições brilhantíssimas e tantas vezes glorificado pelos altos serviços prestados à educação desportiva da mocidade e, por consequente, ao rejuvenescimento da raça, na realização do seu amplo e patriótico objectivo instituiu, em 1890 a classe de jogo do pau que ali teve o seu primeiro mestre Pedro Augusto da Silva, discípulo e

depois auxiliar do célebre José Maria Salto. Por morte daquele mestre, seguiu-se na tarefa do ensino do famoso desporto nacional Artur dos Santos, que já desbravava de uma aureola de excelente jogador, pessoa activa e sabedora, quando frequentava a classe do seu antecessor. O referido mestre, que triunfou em assaltos memoráveis, na frente de público entendido, foi professor do jogo do pau durante 36 anos, no Ginásio Clube e na Escola Académica, ao tempo instalada nas Escadinhas do Duque. Praticou o desporto náutico peso e aliteres, ciclismo e foi moço de forcado amador, componente admirável dos grupos dos amados desportistas Filipe Taylor, Alberto de Albuquerque, Simão Ferreira Pedro de Oliveira e José Caazans. Era todas de beneficência as corridas em que colaborou, incluindo as realizadas no Campo Pequeno, da organização do Clube Tauromáquico Português, patrocinadas pela fealdia rainha D. Amélia de Orleans e a favor da Assistência Nacional dos Tuberculosos quando esta instituição começava desenvolvendo a sua acção humanitária.

A residência do antigo mestre, que foi um atleta de uma complexão física extraordinária, constituiu um autêntico museu de recordações. Nas vitrinas, paredes e prateleiras acumulam-se muitas medalhas — entre elas a de cavaleiro da Ordem de Cristo — salvas de prata galhardetes, «moças», taças, diplomas, objectos de arte e até um pau de lodão encastado a prata brinde dos seus discípulos. Foi naquele ambiente — muito carinhoso para quem, como nós, viveu muitos dos factos que aqueles objectos documentam — que, há semanas cavaqueámos com o mestre Artur dos Santos que, minado de saudades, evocou os espectáculos de ginástica no circo Piatti, que funcionou onde depois foi construída a sede da Assistência Nacional aos Tuberculosos, na Ribeira Nova, no Real Coliseu da rua da Palma no mesmo local onde foi levantada a Garagem Lis; no Coliseu dos Recreios; e, agregados a estes os efectuados no Palácio de Cristal do Porto, e noutras cidades. Em todos o nosso velho e admirado amigo fez brilhante figura como actuante, em competições sérias vicentinas e arriscadas. Grande número de sarais no Coliseu dos Recreios, alguns no Ginásio Clube e na Escola Académica, em que o referido professor apresentava as suas classes sempre afinadíssimas, lá tinha a nossa presença. Também recordámos a exibição sensacional de jogo de pau, em que se puseram frente a frente os seus discípulos dr. José Pontes, Dário Cenas, João Rodrigues, Fitcher, Figueiredo, João Capristano José Perdigo, etc.

Artur dos Santos, paladino fulgurante do desporto nacional, conta hoje 77 anos, e ainda lecciona ginástica nalguns colégios particulares cumprindo com apreciável energia, porque sempre cuidou do físico, com método e inteligência.

No Ribatejo, Carlos Relvas foi um grande divulgador do jogo do pau, que deixou ali fortes vestígios

No Ribatejo — provincia recheada de pujantes e ricos costumes de característica bem portuguesa — encontramos uma outra figura de rário e ativo recorte: o goleganense Carlos Relvas, temperamento polifacético, que deixou um glorioso nome em todos os empreendimentos que sonhara. Distinguiu-se ele, com relevante prestigio, como equitador e toureiro equestre, sendo da sua invenção as selas que os artistas ainda hoje, adeptos; também como admirável amador cultivou a fotografia que

eles se aperfeiçoar em tal desporto. O primeiro que ele trouxe para a Golegã foi o northeno António Penela, nabilíssimo no jogo com as duas mãos, segundo a maneira minnota. Conta-se que uma vez, no calor das lições e destro como era Relvas tentou dominar o Penela, mas este, num golpe rápido, passou a uma situação de superioridade que não agradou ao fogoso contendor, é claro. O Penela não possuía grande estatura — afirmam-nos velhos goleganenses que ainda o viram jogar — mas era valentíssimo, não temendo os homens de grande estatura. Podiam ser altos como torres! Numa romaria, relata-se nas conversas dos antigos eram muitos homens contendo-se com pedras, o atingiram porque a paulada já mais lhe tocaram. António Penela deixou escrita a técnica do seu jogo, e um grupo de excelentes discípulos, como Joaquim Pinto e José de Sousa Cecílio — pai de Prício Cecílio, também esgrimista do pau, e dos bons.

Outro mestre ocorreu à chamada de Carlos Relvas: Joaquim Baú, de Marco de Canavezes, que era um tremendo jogador, que não obstante a sua avançada idade de oitenta anos, figurava como um novo, no-lo afirmou por ocasião do S. Martinho, um velho servidor da casa Relvas. Mais um famoso jogador surgiu na Golegã a convite de Carlos Relvas: foi José António Marvila, senhor de grandes conhecimentos. Jogava ele com as duas mãos — como era preceito da sua escola — e Relvas utilizava apenas uma, como se tratasse de esgrima de florete. E comentava-se, na Golegã, nesse tempo que Marvila representava o sistema antigo, e Relvas o moderno. O famoso goleganense não se contentava com estar senhor da técnica do jogo;

de o primeiro proximo de residência da familia Relvas, onde hoje esta instalada a Câmara Municipal. Uma enxada ao passado nos foi presente na pouco, na Golegã, por Carlos Gonçalves, um jogador dos tempos, nos possuidor dum pau de lodão, de Carlos Relvas, que lhe foi ofertado por João da Silva Maltez, feitor daquele considerado lavrador artista e célebre jogador, que chegou a bater com o não menos famoso, Pedro Augusto da Silva.

O pau de lodão ou de marmeleiro foi a arma predilecta de muitos portugueses de sólida e pura cepa, como aquela figura do verdadeiro toureiro a cavalo — igualmente muito nosso — que levava sempre, no seu carro, um pau dos que vergam e não partem e constituia a sua arma inseparável. E quando uma senhora lhe perguntou, certa dia o que era aquilo, respondeu: É o meu revólver. — Então pode matar? — observou a dama. — Sim — concluiu o artista — pode matar sem fazer barulho!

Igualmente conhecemos um eclesiástico, que parou para os lados do Cartaxo que nunca se separava dum pau que via como atado ao quadro da sua bicicleta. E também nos recordamos dum homem da lavoura ribatejana — um homem ás direitas — que fosse para onde fosse acompanhava-o sempre um vara-pau que ele dizia ser a «escova» com que tirava o pó do pé de qualquer cão que lhe saltasse ao caminho para lhe morder!

Hoje pouco se fala no jogo do pau, que era considerado o favorito no, velhos tempos, e é de justificar que se deixe perder um desporto gentilmente português, de raízes tão populares, uma esgrima de agilidade, vigor, e nobreza.

JOSE LUIS RIBEIRO